
PARA CONCLUIR

Este trabalho representou uma tentativa de estudar funcionamentos discursivos da modalização eu acho (que) p. Partimos, para isso, da noção de sujeito que busca integrar conceitos do marxismo e da psicanálise. Esse sujeito apresenta-se dividido entre Um e Não-um, falado por uma cultura atravessada por ideologias, aparecendo ora como efeito ora como centro de poder.

Tomamos como corpus para análise o discurso pedagógico, pressupondo-o heterogêneo. Foi nosso propósito destacar a relação dialógica que nele se estabelece entre a identidade e a alteridade, apontando para o lugar de onde fala o sujeito. Buscando responder à primeira questão colocada pela pesquisa, ou seja, como se estabelece a heterogeneidade no discurso em estudo, ou seja, como se dá a relação do Um com o Não-um, concluímos que o funcionamento de eu acho (que) p destaca a ilusão do Um e, ao mesmo tempo, torna-se o indício da presença do Não-Um silenciado, evidenciando a contradição constitutiva do sujeito.

Quanto à segunda questão para a qual buscamos resposta, que diz respeito ao modo como os elementos do saber de outras formações

discursivas são integrados à FD do sujeito, a análise mostrou que o sujeito do discurso pedagógico reconhece outras vozes, mas nem sempre as integra a sua própria.

Assim, no 1º funcionamento de eu acho (que) p, por exemplo, não se pode dizer que haja integração entre a FD do sujeito e outra FD. O que acontece aí é que a voz do outro é tomada como evidente e assumida pelo sujeito como sua. Isso parece indicar que o sujeito fala de um lugar pouco crítico, assumindo uma posição ingênua em relação às inúmeras ideologias que circulam no discurso pedagógico.

É muito expressiva a incidência desse primeiro funcionamento nos discursos aqui estudados (ver quadros de frequência dos funcionamentos de eu acho (que) p a seguir). Essa alta incidência denota uma tendência, ainda bastante forte, de tomar por verdade o discurso sedimentado pela tradição. O sujeito toma como dele a própria voz historicamente legitimada. Parece que se pode pensar nesse funcionamento como denunciando uma posição de sujeito reproduzidor, semelhante ao modo como Bourdieu & Passeron (1970) vêem essa questão.

No 2º e no 3º funcionamentos, o sujeito assume posição de confronto com outras FD, marcado explicitamente no intradiscurso pela negação gramatical não. No 2º, há forte tensão entre os saberes da FD do sujeito e de outras FD. No 3º, dá-se um afrouxamento da tensão, denunciada no intradiscurso pelo deslocamento da negação, o que implica posição de enfrentamento atenuada em relação ao 2º funcionamento.

A baixa incidência, neste recorte, tanto do 2º quanto do 3º (ver quadros) indica que essa posição de confronto não é a que o sujeito mais ocupa no discurso pedagógico.

No 4º funcionamento, eu acho (que)p mas q, o sujeito concede espaço à FD do Outro, integrando elementos do saber que lhe são exteriores. Entretanto, o saber que foi integrado (p) fica relegado a um segundo plano, tendo em vista que o sujeito o utiliza para reafirmar o saber (q) que representa sua posição. Essa posição ora complementa, ora restringe, ora contraria parcialmente o saber da FD do outro, que é utilizada como argumento para a reafirmação do lugar de onde fala o sujeito.

O efeito de sentido produzido pela estratégia verificada no 4º funcionamento traduz-se como uma tomada de posição aparentemente mais democrática do que as resultantes do 2º e 3º funcionamentos. Trata-se

de uma posição de sujeito astuciosa e não-ingênua, pois, apesar de dar espaço à voz do outro, vale-se dessa voz para reforçar seu ponto de vista.

O 5º funcionamento consiste na comparação: eu acho (que) mais p (do que q). Nas sdr estudadas, o confronto expresso pela proposição q aparece freqüentemente implícito, não sendo, pois, marcado no intradiscurso.

Num primeiro momento, tal comportamento aparenta autoritarismo, uma vez que o sujeito não reconhece nem integra à sua saberes de outra FD. Todavia, uma observação mais atenta mostra que estamos diante de uma atitude ingênua, pois a falta da especificação de um dos termos da comparação enfraquece a argumentação representativa da posição do sujeito.

Refletindo sobre o elevado número de ocorrências desse funcionamento entre os alunos, verificamos que, em muitos casos, ele foi induzido pelas próprias perguntas da entrevistadora, tais como: O que tu mais gostas de ler? De que matéria tu mais gostas?

Em resumo, as sdr estudadas indicam que a posição de sujeito mais freqüente é a de reprodutor de um saber da FD legitimada pela tradição, que aparece como evidente, inquestionável. O sujeito do discurso pedagógico aparenta não perceber as diferenças entre saberes provenientes de teorias educacionais diversas. Trata-os como se fosse um bloco homogêneo, tomando como verdade o senso comum.

Nos casos em que há confronto entre saberes externos à FD do sujeito, a posição mais freqüente ocupada por ele é a que parece ser mais democrática, ou seja, aquela em que há integração do outro no próprio discurso do sujeito.

Ocorrências de confronto explícito marcado no intradiscurso são menos freqüentes, o que revela que o sujeito do discurso pedagógico não aproveita momentos de embate para assumir uma posição efetiva de poder.

A terceira questão levantada pela pesquisa diz respeito à existência ou não de diferença no estabelecimento das relações entre FD nos discursos pedagógicos de escolas públicas e de escolas particulares.

O estudo do funcionamento discursivo da modalização eu acho (que)p (confira quadros) mostra a seguinte situação:

-a posição de sujeito reprodutor é muito expressiva, tanto na escola pública quanto na particular (1º funcionamento);

- na escola particular, a posição de sujeito reproduzidor é mais evidente, o que denota um menor espaço para a heterogeneidade;

- na escola pública, porém, a diversidade de teorias educacionais que aí circulam parecem representar avanço no sentido de uma tomada de posição mais questionadora;

- a ocorrência muito baixa da modalização eu acho (que) p entre diretores e Serviço de Supervisão Escolar (SSE), nas escolas particulares, indica que o sujeito assume, no discurso, uma posição institucional, tornando-se centro e não efeito de poder;

- na escola pública, contrariamente, os diretores e o SSE, embora fazendo parte de uma escala hierárquica de poder, transitam em lugares diversos, ocupando outras posições de sujeito na organização escolar;

- os alunos das escolas particulares utilizam muito mais freqüentemente a modalização eu acho (que) p, em especial o 1º funcionamento, o que pode significar uma ilusão de autonomia.

É preciso ressaltar que as conclusões aqui apresentadas dizem respeito apenas ao recorte analisado. Além disso, elas devem ser relativizadas, tendo em vista que só estudamos a modalização eu acho (que) p. Certamente, as conclusões a que chegamos poderiam ser aprofundadas pela análise de outras marcas lingüísticas que apontassem para as diferentes posições que o sujeito pode assumir em seu discurso. Novas pesquisas necessitariam ser feitas sobre as diversas formas de nomeação do sujeito (eu, nós a gente), ou diferentes tipos de negação e de modalização, a ordem das palavras, a utilização da voz passiva, a nominalização, a adjetivação, os articuladores, as marcas de oralidade (como né, pausas, entonação). Tais pesquisas contribuiriam para o enriquecimento dos resultados que aqui apresentamos.

Restringir a uma única marca lingüística a análise das posições que o sujeito pode ocupar no discurso não obscurece, entretanto, a importância deste trabalho. Seu maior mérito encontra-se no fato de desenvolver alguns conceitos e uma metodologia que talvez possa contribuir para a discussão do quadro teórico da Análise do Discurso.

FREQÜÊNCIA DOS FUNCIONAMENTOS DE *Eu [não] acho [...]*

QUADRO 1

ESCOLAS PÚBLICAS	1º	2º	3º	4º	5º
Diretores	22	02	0	02	0
SSE	30	01	01	03	0
Professores	19	02	01	10	03
Alunos	23	02	01	03	19
TOTAL	94	07	03	18	22

QUADRO 2

ESC. PARTICULARES	1º	2º	3º	4º	5º
Diretores	0	0	02	0	01
SSE	02	02	01	0	0
Professores	29	0	0	01	01
Alunos	106	06	04	04	17
TOTAL	137	08	07	05	19

Plano de Consolidação



C A P E S